

## Universidade e Comunicação

Ada Cristina Machado da Silveira\*

BARICHELLO, E. M. da R. *Comunicação e comunidade do saber*. Santa Maria (RS): Pallotti, 2001. 196p.

Pode parecer paradoxal tentar examinar algumas das transformações radicais pelas quais passa a universidade do nosso tempo, como a desterritorialização e a deslegitimação de suas práticas e ainda assim apostar no conceito. No livro *Comunicação e comunidade do saber*, Eugenia Barichello faz uma aposta nas universidades, na territorialidade, na concretude das experiências, mesmo diante de uma ordem tecnocultural que parece querer nos provar o contrário. Após longo trabalho de investigação na temática da comunicação institucional, propõe uma interpretação do conceito de universidade tendo como fundamentação as relações comunicacionais e a troca de significados entre instituição e sociedade.

Trabalha com a hipótese de que a comunicação tem sido responsável pelas concretizações do conceito de universidade. Com esse intento, resgata concepções de universidade para demonstrar o que foi possível enunciar em diferentes épocas e sob diferentes regimes de visibilidade. Destaca que, atualmente, com as novas tecnologias de comunicação, a universidade, em suas diferentes concretizações, sofre grandes alterações que movimentam o conceito e propõem novas interpretações.

A investigação originou-se de crescente sensação de mal-estar diante da “*crise*” da universidade, especialmente da universidade pública brasileira, na qual ela atua como docente. Tal percepção foi motivadora dos primeiros questionamentos a respeito da forma como a visibilidade da universidade é construída atualmente. No centro da questão da visibilidade, julga existir uma questão estrutural, segundo a qual, para entender a universidade contemporânea, é preciso resgatar o conceito

---

\* Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria.

fundador da instituição e, assim, poder explicar a sua densidade e a sua constante reinterpretação. Sob tal perspectiva, acredita ser fundamental a ação transformadora das práticas comunicacionais que a instituição estabelece, tanto em relação à própria comunidade universitária como no tocante à sociedade de cada época.

No primeiro capítulo, Eugenia Barichello expõe a relação entre os conceitos de comunicação e sociabilidade. Descreve como as técnicas de comunicação contribuem para a constituição de diferentes formas de sociabilidade e ambas – comunicação e sociabilidade – definem as formas de concretização das instituições. Utiliza a categorização proposta por Adriano Duarte Rodrigues que tipifica em três os modelos de comunicação: tradicional, moderno e reticular. A utilização da categorização ressalta que os modelos de comunicação coexistem num mesmo espaço e, assim, apresentam-se como rituais fundadores – ligados à tecnicidade oral – por exemplo, os ritos de admissão de calouros e formaturas, os conselhos e, principalmente, a reunião presencial de professores e alunos na sala de aula, os quais coexistem com o ensino à distância por meio de teleconferências ou contatos através da Internet.

No momento seguinte, procura entender a origem da instituição, pressupondo que interpretar o conceito de universidade significa questionar as razões do seu surgimento com a finalidade de entender a sua situação atual. Analisa, especialmente, o surgimento das universidades brasileiras, considerando suas concepções enquanto fruto da conjuntura de formas de organização política, social, econômica e, sobretudo, da instalação de novas mediações proporcionadas pelos meios de comunicação. No mesmo capítulo dois, trata da passagem gradativa da concepção da universidade moderna em relação a novos formatos organizacionais, provocada, principalmente, pela dominância de uma racionalidade e um *ethos* mercadológico. Segundo a autora, assistimos à instalação progressiva de uma racionalidade que avalia custos e lucros, utilizando, cada vez mais, padrões derivados do mercado, tais como o desempenho, ou seja, o grau de excelência passível de ser medido por razões financeiras. A inclusão de padrões mercadológicos mexe com a forma organizacional da universidade, pois exige dela postura semelhante à de uma organização de mercado.

A autora demonstra que a comunidade universitária atravessa os tempos assumindo diversos formatos organizacionais e que a concretização destes modelos resulta de seu relacionamento com as diferentes sociedades e consigo mesma. No bojo da crise enfrentada pela instituição universitária estão os novos paradigmas das teorias das organizações e do mercado, expressos em questões como a do relacionamento da organização com o ambiente. Segundo Barichello, as imposições do mercado evidenciam e clarificam a questão do financiamento da universidade diante de duas perspectivas: a incerteza cada vez maior quanto aos recursos públicos e o despertar do interesse do mercado pela educação em geral e pela universidade em particular como centros de investimento.

Intrínseca à atual intervenção da lógica de mercado na universidade está a questão da democratização do acesso ao ensino superior, o ensino dito público. No momento em que a educação tende a deixar de ser dever do Estado e passa a ser bem de consumo, sua produção torna-se uma categoria, entre outras, uma opção de escolha cuja aquisição é feita através de pagamento. Para enfrentar este desafio, julga necessária a renovação de projetos que incluam a questão da territorialidade, proporcionando o reconhecimento das possibilidades de formação de comunidades universitárias que se configuram diante de novas mediações e práticas sociais.

Além disso, a autora alerta para o fato de que, devido à importância que as universidades adquirem na sociedade atual e à cobiça do mercado que as vê como nova fonte lucrativa de investimento, as instituições, especialmente as públicas, precisam renovar as práticas comunicacionais que visam alcançar sua legitimação junto à sociedade.

No terceiro capítulo, Barichello articula os conceitos de legitimação (processo que engloba as práticas de explicação e justificação de uma instituição junto à sociedade) e deslegitimação (o não reconhecimento destas práticas por parte da sociedade) com a questão da visibilidade da instituição. A partir de tal prerrogativa, busca compreender como a universidade tornou-se o local por excelência da legitimação do saber, processo que atingiu o seu auge nas concepções modernas. Ademais, ela se propõe a entender o processo de deslegitimação que a universidade sofre, atualmente, diante de novos padrões de legitimidade impostos pela racionalidade mercadológica, como,

por exemplo, as novas formas de mensurar o desempenho acadêmico. É possível observar, também, uma transferência da cena do processo de legitimação, que deixa de ser o local onde ocorrem as práticas institucionais e inclui, cada vez mais, a justificação das mesmas nos meios de comunicação de massa. Para a autora, *“os mídias são o principal dispositivo contemporâneo de legitimidade da instituição universitária, sendo responsáveis em grande parte, pela sua legitimação junto à sociedade”*.

No referido capítulo, ela aborda a identidade como construção, com a proposta de pensar a universidade na condição de detentora de uma dupla identidade: uma *“legitimatória”* e outra *“de projeto”*. A primeira refere-se às práticas de legitimação perante a sociedade. A segunda decorre do núcleo abstrato da universidade, renovado sob diversas formas de organização, em tempos e lugares diversos, e que significa ser a universidade uma comunidade do saber. Propõe que a *“identidade legitimatória”* da universidade – representada especialmente pela sua vinculação com o Estado –, encontra-se em crise, na esteira da transformação das outras instituições modernas. Já a *“identidade de projeto”* é renovada sempre que ocorre a vivência e a partilha de um projeto comum por uma comunidade universitária e a concretização de uma universidade. Neste sentido, os membros da comunidade universitária podem vivenciar uma identidade e redefinir a sua posição na sociedade.

No capítulo seguinte, articula a questão da territorialidade com a questão da construção do projeto identitário da universidade. Considera que esta identidade é construída num jogo onde operam múltiplas forças, com destaque para duas. De um lado, o desterritorializante fator econômico, representado pela intensificação da interdependência transnacional e das inter-relações globais provocadas pelo sistema capitalista, incluindo a ação das novas tecnologias de comunicação. De outro, as resistências locais e regionais, assentadas nas práticas culturais e na experiência cotidiana dos indivíduos quanto ao território.

A autora considera, também, que a coexistência entre os modelos de comunicação na sociedade contemporânea, aliada às respectivas formas de sociabilidade, podem ser responsáveis por uma ação de reterritorialização, entendida como fenômeno que devolve ao indivíduo a capacidade de reconhecer-se frente a outros, a possibilidade de intervir em sua realidade e a possibilidade de construir um projeto identitário frente à realidade global.

O quinto capítulo privilegia o exame das possibilidades de existência da comunidade universitária. Nele são descritas as configurações comunitárias surgidas frente às possibilidades de convívio e socialização, proporcionadas pelas novas tecnologias, entendendo que a possibilidade de complexificação da comunidade universitária, provavelmente, se estenderá à organização espacial e funcional da universidade contemporânea.

Em sua concepção *“a noção de comunidade não é apenas fundadora do conceito de universidade que chegou até os nossos dias como faz parte de sua gênese e é o princípio que serve como base para todas as suas transformações. A universidade pôde ser um centro de geração de idéias, um lugar de crítica e outras tantas interpretações que teve por comportar e significar uma comunidade do saber”*.

Eugenia Barichello dedica o último capítulo ao relato da concretização de uma universidade pública – a Universidade Federal de Santa Maria – recuperando sua concepção fundadora e seu lugar de protagonismo na história da interiorização da universidade pública brasileira, seus pontos de identificação e as práticas de comunicação de seus diversos segmentos, como aspectos que julga fundamentais para a compreensão de sua existência atual.

Em resumo, a obra destaca que há imbricação constante entre busca de legitimação e renovação do projeto frente às exigências da realidade. A autora entende a comunidade universitária na ação de um refazer contínuo do ideal de universidade como comunidade do saber, acreditando que esta comunidade é um espaço político de poder e negociação. E, assim, argumenta que a concretização da universidade de hoje depende da compreensão de seu passado, da existência de um projeto comum e das possibilidades presentes de interação entre a própria comunidade universitária e dela com a sociedade.